

# DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>



**CORREIA, António Augusto Esteves Mendes** (Porto, 1888 – Lisboa, 1960)

Mendes Corrêa, nome pelo qual assinava e ficou conhecido em vida, nasceu na rua do Almada, em plena baixa portuense, a 4 de Abril de 1888, do matrimónio do doutor António Maria Esteves Mendes Correia e D. Etelvina Marques Mendes Correia, família de classe média que se afirmara pelo desempenho da actividade clínica da figura paterna. Na realidade este último alcançara alguma projecção social na cidade, através da amizade com Oliveira Martins e Luciano de Castro, exercendo localmente os cargos de vereador municipal, mesário da Misericórdia e de secretário da Sociedade de Geografia Comercial do Porto. Seguindo o seu exemplo, depois de concluída a instrução primária e liceal na cidade natal, Mendes Corrêa matriculou-se na Academia Politécnica do Porto para cursar os preparatórios de Medicina (1904-106), findos os quais passou à Escola Médico-Cirúrgica do Porto, destacando-se como aluno de mérito com algumas publicações e conferências, concluindo o curso com a classificação de 19 valores em 1911. Em ambas as escolas o currículo de cariz científico-técnico e as práticas metodológicas de forte destaque para o culto da ciência aplicada não foram alheios à incidência que a corrente positivista assumiria no seu pensamento, apresentando na sua dissertação final, *O génio e o talento da Patologia*, um estudo científico-clínico da natureza dos alienados sob o emergente ponto de vista antropológico.

Pouco atraído pela carreira clínica face à investigação científica em Psiquiatria e Antropologia Criminal, reforçada pela passagem como médico-antropologista na Tutoria Central da Infância da Comarca do Porto, aceitou o convite para uma carreira universitária na recém-criada Faculdade de Ciências da Universidade do Porto, principiando uma ligação institucional que perdurou por longos anos: 2.º assistente provisório (1911), 1.º assistente provisório (1912), 2º assistente efectivo (1913), professor ordinário e secretário (1921) e seu director (1929 e 1932). Aquando da efémera vida da 1.ª Faculdade de Letras do Porto passou a leccionar acumulativamente como professor contratado do grupo de Ciências Geográficas (1919), posteriormente professor ordinário (1921), dispondo-se a reger também as cadeiras de Arqueologia, Etnologia, Antropogeografia e Etnografia; sendo-lhe outorgado institucionalmente os graus de doutor em Ciências Histórico-Naturais (1922) e Ciências Geográficas (1925) pela Universidade do Porto. A tônica comum a esta sua primeira fase de docência universitária foi a notória dedicação ao ensino, investigação e divulgação da Antropologia, área do saber que inaugurou no currículo universitário portuense e que tentou sempre valorizar e autonomizar, estabelecendo novas perspectivas de ensino e de investigação, até aos



# DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>

anos de 1920 mais centrada na Antropologia Criminal e nas propostas de regeneração social. Neste âmbito fundou e dinamizou na Faculdade de Ciências do Porto o Instituto de Investigação Científica de Antropologia (1923) e o Laboratório e Museu Antropológico (1927), firmando o seu programa de estudos e a formação de um escol de novos cientistas que procuravam a sua orientação científica.

Edificando fama internacional como antropólogo desde a década de 1920, a sua visão da Antropologia fundamentada na importância da história natural do Homem, em que a sua individualidade bio-psicológica se imiscuia na construção colectiva das raças, culturas e sociedades humanas, comprometia a procura impreterível da transdisciplinaridade com outras ciências como a Etnologia, a Criminologia, a Psicologia, a Arqueologia ou a Pré-História, domínios que foi igualmente delineando nas suas pesquisas e estudos com importantes contributos. Nesta linha científica de desenvolvimento das ciências humanas deu continuidade ao legado cultural e científico de núcleos como a Sociedade Carlos Ribeiro, a Sociedade Martins Sarmento ou a revista *Portugália*, tornando-se um dos mais activos edificadores da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia (1918), organismo que ainda hoje promove a colaboração entre os diferentes ramos das Ciências numa perspectiva globalizante do conhecimento humano. Aos 33 anos de idade, Mendes Corrêa sobressaiu entre a comunidade histórica com a publicação da obra *Homo: os modernos estudos sobre a origem do homem*, investigação de teor antropológico firmada em proposições arqueológicas e pré-históricas, que pela teoria revolucionária proposta motivou a sua tradução para várias línguas. Isto porque ao analisar as origens do Homem e o fenómeno migratório das suas primeiras comunidades, manifestamente numa óptica reiterada do evolucionismo e monogenismo, defendia a predominância do *Homo Sapiens* no processo evolutivo e apontava para um berço da Humanidade na bacia do Índico, lançando inclusive a hipótese de um eventual povoamento da América do Sul através da Oceânia pela similitude de características étnicas, linguísticas e etnológicas entre as suas tribos autóctones.

Em meados dos anos 30 do século passado, a carreira como docente e cientista perderia algum do seu fulgor para a vida política. Enquanto correligionário do Estado Novo, foi convidado para a presidência da Comissão Administrativa do Município do Porto e procurador na Câmara Corporativa (1936-1942), deputado na Assembleia Nacional por três legislaturas (1945-1956), sendo que na passagem pela vereação portuense instigou a actividade cultural com a criação do Gabinete de História da Cidade (1936), do curso livre de Estudos Portugueses (1938) e a reabilitação do Museu Nacional de Soares dos Reis (1940). A convite do Ministério das Colónias, desde 1942 iniciou a sua colaboração no projecto de reforma colonial, focando as suas atenções nos campos da instrução e investigação científica, merecendo o interesse e preocupação demonstrado pelo seu desenvolvimento a nomeação de Mendes Corrêa para a presidência da Junta das Missões Geográficas e de Investigações Coloniais (1946) e do Conselho Superior Ultramarino (1958). A questão das colónias tornar-se-ia uma das principais e mais originais temáticas do seu projecto científico antropológico, fruto das missões de estudo que o levaram aos territórios africanos, onde colheu um conhecimento empírico que o levou a retomar, ainda em 1946, a carreira universitária ao assumir a direcção da Escola Superior Colonial (mais tarde Instituto Superior de Estudos Ultramarinos), até à sua



# DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>

jubilação das funções públicas em 1958. No novo desafio sobressaía o forte pendor nacionalista de um "imperialismo lusitano" no qual radicava a missão educativa da escola de formar quadros técnicos conhecedores das conjunturas locais. O objectivo final deste funcionalismo público altamente instruído seria o de corresponder às preocupações governativas do regime salazarista, de reforçar o nacionalismo português nas colónias e de cooperação com os cientistas nacionais para o seu estudo científico.

A intensa actividade científica de Mendes Corrêa nas mais diferentes Ciências Naturais e Humanas difundiu o seu nome nos meios intelectuais internacionais, com mais de trezentas publicações e citações em obras de Raymond Furon, Afrânio Peixoto ou Henri Breuil, comprovando na mesma medida uma constante correspondência e actualização com os desenvolvimentos das correntes científicas mundiais. Concretamente no domínio histórico, evidenciou-se como um dos principais dinamizadores da arqueologia pré-histórica, reavaliando investigações já produzidas ou explorando novas estações arqueológicas, sugerindo uma especificidade e originalidade da cultura megalítica ibérica no quadro europeu, alvitando até uma espécie autóctone, através do exemplo dos Concheiros de Muge, que baptizou de *Homo afer taganus*. A maior projecção internacional neste domínio, contudo, conquistou no Congresso Internacional de Antropologia de Amesterdão em 1927, estabelecendo um paralelismo entre as inscrições alfabéticas arcaicas dos achados em Alvão (Trás-os-Montes) com as similares controversas de Glozel (França), contestando a origem exclusiva do alfabeto fenício na Europa perante outros sistemas de escrita primitivos de tipo numérico, exortando mesmo a existência de uma dinâmica civilização lítica ocidental.

Já nos aditamentos historiográficos, onde a influência da primazia da investigação antropológica o levava a incorrer pelas directrizes positivistas e deterministas, a História era conceptualizada como uma ciência não cíclica em função da pluralidade de factores que influíam sobre a realidade humana, pelo que os factos históricos deveriam ser analisados com alto sentido crítico pelo historiador, recorrendo aos contributos das ciências subsidiárias para complementar a sua autenticidade. Sobrevalorizada foi igualmente a importância da História nacional na formação cívica e política do povo português, quer pelos seus ensinamentos enquanto «arquivo precioso de lições e, sobretudo, estímulos», quer pela sua dimensão nacionalista e patriótica no seu ensino como «a mais forte garantia da nossa independência» (*Antropologia e História*, 1954). Assim na senda prioritária da procura das raízes antropológicas dos portugueses entrou em polémica intelectual com Damião Peres acerca das origens da nacionalidade (com quem colaborara na sua *História de Portugal* durante a passagem pela Faculdade de Letras do Porto), ao admitir os Lusitanos como elemento etnogénico primordial na formação do povo português, contestando a tese do nacionalismo como construção política do primeiro em favor da valência determinista geográfica e étnica, que consolidava a ideia da antiguidade e especificidade portuguesa face aos demais povos europeus.

Da extensíssima lista de congressos, palestras, condecorações, louvores e títulos honoríficos, tanto portugueses como estrangeiros provindos de países da Europa, América do Sul e África, Mendes Corrêa era igualmente sócio efectivo, correspondente e/ou honorário de mais de trinta agremiações culturais e científicas, incluindo a presidência da Sociedade de Geografia de Lisboa, académico titular da Academia



# DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>

das Ciências de Lisboa e da Academia Portuguesa da História ou sócio honorário da Sociedade Espanhola de Antropologia, Etnologia e Pré-História e sócio efectivo da Pontifícia Academia Scientiarum. Das inúmeras colaborações saliente-se os estudos em revistas como *A Águia*, *O Archeólogo Português*, *Trabalhos da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia*, *Estudos Ultramarinos*, *Revue Anthropologique*, *Scientia*, *Atti della Pontificia Accademia delle Scienze Nuovi Lincei*, *American Journal of Physical Anthropology*, entre tantos outros.

O Dr. Mendes Corrêa, agraciado com a Grã-Cruz da Instrução Pública, faleceu a 7 de Janeiro de 1960 em Lisboa, sendo trasladado o seu corpo para o jazigo familiar no Porto conforme o seu último desejo. Pela sua polivalência e originalidade científica, demonstrada durante o seu magistério de ensino superior e na direcção dos múltiplos projectos e missões científicas, é considerado o fundador de uma escola antropológica portuguesa com inegáveis valias no conhecimento nacional e colonial português, ainda que acerrimamente comprometida na escolha dos seus objectos de estudo pelo nacionalismo conservador e exclusivista imperativo do Estado Novo.

**Bibliografia activa:** *Raça e Nacionalidade*. Porto, Edição da Renascença Porto, 1921; *Homo: os modernos estudos sobre a origem do homem*. Lisboa, Lumen, 1921; *Os povos primitivos da Lusitânia*. Porto, A. Figueirinhas, 1924; "O significado genealógico do "Australopithecus" e do crâneo de Tabgha e o arco antropológico índico". *Trabalhos da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia*. Porto, vol. 2 , fasc. 3, 1925; *A geografia da prehistória*. Porto, Imprensa Portuguesa, 1929; *Origens da cidade do Porto*, 1.<sup>a</sup> ed. Vila Nova de Gaia, 1932; *Les inscriptions de Parada, Alvão et Lerilla [Congrès International d'Anthropologie et Archéologie Préhistorique - 1931]*. Paris, E. Nourry, 1933; *Raízes de Portugal: Portugal "ex-nihilo"!*... *Terra e independência, a raça*, 1.<sup>a</sup> ed. Lisboa, Ocidente, 1938; *Contribuição portuguesa para o estudo da pré-história geral*. Lisboa, Bertrand, 1940; *Antropologia e História*. Porto, Instituto de Antropologia da Faculdade de Ciências da Universidade do Porto, 1954.

**Bibliografia passiva:** CALAZANS, João, *O moderno pensamento luzitano: Ferreira de Castro e Mendes Corrêa*. Victoria, Imprensa Oficial do Estado, 1936; SERPA PINTO, Ruy e MAGALHÃES, Hugo, *Bibliografia do Prof. Mendes Corrêa*. Porto, Instituto de Antropologia da Faculdade de Ciências da Universidade do Porto, 1942; GONÇALVES, Júlio, "Professor Mendes Correia". *Boletim da Sociedade de Geografia de Lisboa*. Lisboa, n.º 4-6, 1957, pp. 119-124; MONTEIRO, Hernâni, "Professor A. A. Mendes Correia". *Trabalhos da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia*. Porto, vol. XVII , fasc. 1-4, 1959; RIBEIRO, Leonel "O saudoso arqueólogo Prof. Doutor A. A. Mendes Corrêa e as suas teses duma grande civilização ocidental e duma provável origem ocidental do alfabeto". *Lucerna: actas do II colóquio portuense de arqueologia*, vol. III, 1963, pp. 184-194; CASTRO, José de, *Elogio do Professor Doutor António Mendes Correia*. Lisboa, Academia Portuguesa da História, 1964; TEIXEIRA, Carlos, *Elogio histórico de A. A. Mendes Correia*. Lisboa, Memórias da Academia das Ciências de Lisboa, Classe das Ciências, tomo IX, 1964; CARDOSO, João Luís, "O Professor Mendes Corrêa e a Arqueologia Portuguesa". *Al-Madan*, Almada, II série, n.º 8, 1999, pp. 138-



# DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>

150; ARAÚJO, Francisco Miguel “António Augusto Esteves Mendes Corrêa”. *Docentes e Estudantes da Primeira Faculdade de Letras da Universidade do Porto*, 2008. [Consult. 27 de Fevereiro de 2012]. Disponível em WWW: <URL: [http://sigarra.up.pt/up/web\\_base.gera\\_pagina?P\\_pagina=1004189](http://sigarra.up.pt/up/web_base.gera_pagina?P_pagina=1004189)>; FABIÃO, Carlos, *Uma História da Arqueologia Portuguesa: das origens à descoberta do Côa*. Lisboa, CTT - Correios de Portugal, 2011.

Francisco Miguel Araújo

# DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>



APOIOS:

